



## O *Big Push* para Sustentabilidade em Anajás-PA

Adriana Cristina André, Érica Pereira, Fausto Makishi, João Paulo Cândia Veiga, Milena Fanti de Carvalho e Murilo Alves Zacareli

Cobertura geográfica: Norte

Setor: Sociobiodiversidade

Tipo de medida: Política corporativa e comunitária



NAÇÕES UNIDAS

CEPAL

Esse estudo de caso faz parte do Repositório de casos sobre o *Big Push* para a Sustentabilidade no Brasil, desenvolvido pelo Escritório no Brasil da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) das Nações Unidas.

Acesse o repositório em: <https://biblioguias.cepal.org/bigpushparaasustentabilidade>.

Os direitos autorais pertencem à CEPAL, Nações Unidas. A autorização para reproduzir ou traduzir total ou parcialmente esta obra deve ser solicitada à CEPAL, Divisão de Publicações e Serviços Web: [publicaciones.cepal@un.org](mailto:publicaciones.cepal@un.org). Os Estados-Membros das Nações Unidas e suas instituições governamentais podem reproduzir esta obra sem autorização prévia. Solicita-se apenas que mencionem a fonte e informem à CEPAL tal reprodução.

A imagem da capa foi gerada com o Wordclouds.com.

As opiniões expressadas nesse documento, que não foi submetido à revisão editorial, são de exclusiva responsabilidade dos autores e das autoras e podem não coincidir com a posição da CEPAL ou das instituições em que estão filiados.

Os autores e as autoras são responsáveis pelo conteúdo e pela exatidão das referências mencionadas e dos dados apresentados.



# **O *Big Push* para Sustentabilidade em Anajás-PA**

---

*Adriana Cristina André<sup>1</sup>, Érica Pereira<sup>1</sup>, Fausto Makish<sup>2</sup>, João Paulo Cândia Veiga<sup>2</sup>,  
Milena Fanti de Carvalho<sup>1</sup> e Murilo Alves Zacarel<sup>2</sup>*

## **Resumo**

O objetivo do estudo é explorar os impactos socioambientais no município de Anajás - Pará, proporcionados pelo *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*®, sob a influência da abordagem do *Big Push* para a Sustentabilidade desenvolvidos pela CEPAL. O Programa tem como propósito assegurar a utilização de práticas sustentáveis na fabricação e no fornecimento dos produtos da empresa Beraca, através de um sistema de colaboração participativa com comunidades e associações regionais. Atualmente, mais de 2.500 famílias, de 105 núcleos comunitários espalhados por doze estados brasileiros são beneficiados. Conclui-se que as principais lições aprendidas do caso são: (1) o desdobramento positivo em diferentes aspectos sociais no município, proporcionado inicialmente pelo aumento de renda dos beneficiários; (2) a importância do trabalho associativo para garantir a viabilidade econômica e o impulso definitivo de desenvolvimento local.

## **A. Introdução**

Anajás é um nome indígena, derivado de uma etnia que habitava o centro da ilha de Marajó. Em toda a região oeste da ilha, antes do período colonial, viviam indígenas chamados de Anajás, com grande variação de nomes (Inajás, Anaia, Ania ou Inajá). O nome Anajás surgiu também em função de existir uma grande quantidade de inajazeiros, uma árvore nativa que produz pequenos cocos oleaginosos. Os Anajás

---

<sup>1</sup> Beraca Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo (USP).

pertenciam ao grupo étnico e linguístico dos Nheengaíbas (em tradução literal quer dizer “gente de língua incompreensível”), ou seja, fora do tronco Tupi.

O município de Anajás ocupa uma área de 6.921,70 km<sup>2</sup> e está localizado no centro superior do arquipélago do Marajó, no Pará, maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta, na foz do rio Amazonas, no limite com o Oceano Atlântico. São, ao todo: 4.853 domicílios, 116 escolas de ensino fundamental e 1 de ensino médio. A taxa de mortalidade infantil local é de 14,04 óbitos por mil nascidos vivos (IBGE, 2017), o PIB é o 124º do Pará, de um total de 144 municípios (Beraca/USP, 2016) e possui IDHM de 0,484, ocupando a 5550ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros (O Atlas, 2010). De clima equatorial úmido, com floresta densa, de planície aluvial, o município tem, aproximadamente, 28.859 habitantes, estando a maioria localizada em áreas rurais alagadas (61,65%).

O dia de trabalho é dedicado a diferentes atividades e obedece a uma divisão de trabalho entre os familiares. Pode-se trabalhar na roça, mas, no caminho, instala-se uma malhadeira para a captura de camarão ou peixe, ou mata-se uma caça (em geral, roedores como tatu, paca ou cotia). Pode-se, ainda, produzir farinha ou coletar açaí, cortar uma tora de madeira ou voltar com um maço de palmitos da floresta. As atividades extrativistas predominam sobre as atividades de produção agrícola. A coleta de pataúá, murumuru e açaí é mais uma atividade perfeitamente adaptável ao cotidiano do ribeirinho das áreas rurais de Anajás (Beraca/USP, 2016).

É nesse contexto que a empresa Beraca, delineada por seu *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*®, vem impactando positivamente o município e contribuindo para mudanças na realidade local. A Beraca, fundada no ano 2000, é uma empresa brasileira de fornecimento de ingredientes para os mercados de produtos cosméticos e farmacêuticos, com especial dedicação ao desenvolvimento de novos produtos a partir da biodiversidade brasileira. Tem como missão, fornecer produtos e serviços inovadores e sustentáveis, garantindo rastreabilidade, segurança e qualidade em todos os processos, gerando valor aos clientes, fornecedores, comunidades, colaboradores e acionistas (Beraca, 2018). A principal plataforma que endossa o cumprimento de sua missão é o *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*®, cujo o objetivo é garantir a rastreabilidade completa de matérias-primas provenientes da Floresta Amazônica e de outros biomas brasileiros. Através de um sistema de colaboração participativa com comunidades e associações regionais, a Beraca assegura a utilização de práticas sustentáveis na fabricação e no fornecimento de seus produtos (Beraca, 2018).

Os resultados do presente relatório estão baseados em estudos de mensuração de impacto conduzidos pela Beraca junto a Universidade de São Paulo – USP, com foco na região Norte. Conduzidos por uma equipe multidisciplinar que reuniu cientistas políticos, economistas, engenheiros e administradores, o grupo realizou visitas a campo, pesquisa bibliográfica, sistematização de dados primários, redação e apresentação de trabalhos científicos no Brasil e no exterior, além de muita discussão em torno de modelos gestão (Beraca/USP, 2014). Com a primeira versão do estudo em 2014, o *I Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade* foi lançado em 2016 e, naquela oportunidade, jogou luz nos impactos suscitados pelo incremento de renda junto às famílias de coletores de Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNMs). A empresa deu continuidade à pesquisa em outros municípios da região Norte em 2016, criando o *II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade*, no qual considera um amplo leque de temas que vão dos impactos provocados pela ação coletiva (associações e cooperativas) às questões de gênero. Mais abrangente e integrado, o II Relatório traz um quadro mais profundo das mudanças suscitadas pela coleta de PFNMs nas áreas rurais dos municípios paraenses estudados: Anajás (Marajó), Tomé-Açú e Igarapé-Miri.

Especificamente em Anajás, município escolhido para análise, a maioria dos membros das famílias entrevistadas são posseiros nas áreas onde realizam suas atividades produtivas, predominantemente baseadas no corte de madeira, na extração de palmito e no cultivo de açaí. São remanescentes da grande onda migratória de nordestinos que, no final do século XIX, foram para a região atraídos pelo ciclo da borracha. Com a crise, as famílias passaram à exploração da madeira e à extração de palmito (Beraca/USP, 2016).

O objetivo do estudo é explorar os impactos socioambientais no município de Anajás, oportunizados pelo *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*®, sob a influência das referências

teóricas do *Big Push* para a Sustentabilidade desenvolvidos pela CEPAL (CEPAL/FES, 2019), além de observar relações entre o objeto de estudo e a Agenda 2030 e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS; ONU, 2015). A metodologia consiste na análise de Relatórios Anuais e de Sustentabilidade da empresa Beraca, estudos de mensuração de impacto, e dados estatísticos. De forma geral, o documento está estruturado da seguinte maneira: (1) histórico do *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*® (2) investimentos promovidos pelo Programa no município de Anajás; (3) impactos econômicos, sociais e ambientais em Anajás; (4) análise dos resultados no município promovidos pelo Programa à Luz do *Big Push* para Sustentabilidade e Agenda 2030; (5) considerações finais, contendo as principais lições aprendidas, desafios e oportunidades para o *Big Push* para Sustentabilidade.

## **B. Histórico do Programa de Valorização da Sociobiodiversidade®**

Para melhor entendimento do *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*® (PVSB), é necessária compreensão do histórico e trajetória da Beraca Sabará, que iniciou suas atividades ainda na década de 1950, no setor químico, tornando-se um importante player no segmento de tratamento de água em meados de 1960. Somente em 1988, com Marco Antônio Sabará e Ulisses Sabará à frente da companhia, a organização passou a atuar no mercado de insumos para a indústria de cosméticos, apostando em um grande diferencial: a prospecção de insumos naturais originados de espécies brasileiras. Atento às discussões envolvendo o desenvolvimento sustentável e a preservação ambiental, que aconteciam em nível mundial, e sensibilizado pelas condições de vida e de trabalho encontradas junto às comunidades rurais da Amazônia brasileira, o empresário Ulisses Sabará visionou a possibilidade de tornar processos tradicionalmente rudimentares em atividades rentáveis, criando valor para as comunidades e diferenciais competitivos para a empresa. Nascia, assim, a proposta de criar cadeias sustentáveis da sociobiodiversidade. A operacionalização desta ideia ocorreu ao longo dos últimos 20 anos e resultou na consolidação da empresa Beraca como referência no gerenciamento sustentável de cadeias da sociobiodiversidade brasileira.

Ao longo do caminho, diversos foram os desafios encontrados pela organização: ampla atuação de atravessadores que, além de explorar economicamente as comunidades por meio de preços abusivamente baixos, deixavam de honrar os pagamentos; práticas inadequadas de manejo florestal, com destaque para as constantes queimadas; exploração da mão de obra infantil; e a baixa escolaridade. Dentro desse contexto, foi identificada a necessidade de desenvolver mecanismos de governança, capacitar e organizar a produção de insumos de forma participativa, valorizar o relacionamento junto às cooperativas e associações de produtores, garantir o fluxo de produtos e informação e, ao mesmo tempo, preservar a identidade cultural das comunidades. Paralelamente, na outra ponta da cadeia, grandes empresas consolidadas no mercado mundial de cosméticos, caracterizadas e reconhecidas pela excelência operacional, alta performance econômica, capacidade de inovação permanente e engajamento socioambiental. A adequação aos padrões técnicos de qualidade e implementação de programas e ações de responsabilidade socioambiental se tornaram fatores críticos na organização das cadeias de abastecimento de insumos da biodiversidade.

Conforme o avanço do trabalho com as cadeias de fornecimento em bases sustentáveis, foi criado, juntamente com a Beraca em 2000, o *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*®, considerado representante do modelo de negócio da empresa, englobando todos os processos ligados à fabricação de seus produtos, desde os critérios de seleção das espécies a serem exploradas, passando pelas formulações químicas complexas até chegar aos arranjos produtivos das comunidades que efetuam o manejo das áreas verdes (Beraca/USP, 2014). A Figura 1 demonstra em esquema visual, como o Programa gera valor aos principais elos de sua cadeia.

O PVSB é atualmente reconhecido internacionalmente e está baseado em quatro pilares principais: desenvolvimento humano de forma equilibrada, rentabilidade adequada para toda a cadeia de valor, conservação da água e da biodiversidade pelo uso sustentável de recursos e ética e transparência. Os

resultados vem aparecendo ao longo dos anos e, no momento atual, mais de 2.500 famílias, de 105 núcleos comunitários espalhados por doze estados brasileiros são beneficiadas.

A geração de trabalho e renda é fruto do incentivo e constante acompanhamento da Beraca, fomentando o manejo sustentável e oferecendo oportunidades de valorização da produção extrativista, estimulada financeiramente pelo acréscimo de um preço prêmio aos insumos certificados, como acontece no caso da produção orgânica (Beraca/USP, 2014). Além de garantir que a biodiversidade será conservada – evitando contaminação do solo e dos recursos hídricos pelo uso de agrotóxicos ou a prática indiscriminada da queimada – a comunidade que é certificada orgânica pode vender sua produção por um valor até 30% mais elevado. Atualmente, são rastreados 255.000 ha de produção orgânica (Beraca/USP, 2014).

**Figura 1**  
Esquema de geração de valor da Beraca através do Programa de Valorização da Sociobiodiversidade®



Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2014), I Relatório de Mensuração de Impacto - Um novo olhar para o desenvolvimento sustentável da sociobiodiversidade brasileira, São Paulo, Brasil.

### **C. Investimentos promovidos pelo Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® no município de Anajás**

O Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® vem proporcionando um grande impulso em Anajás. O município possui baixíssimos índices de desenvolvimento local, o que faz com que muitas vezes, matérias-primas locais como o palmito sejam utilizados como moeda de troca pela população constantemente explorada por atravessadores, atuando em condições análogas à escravidão. O Programa

– que ao longo de três anos (2016 a 2018) aumentou seu montante de recursos aplicado em 40% – vem investindo na criação e no fomento de associações extrativistas, e por consequência, na criação de relações comerciais formais e monetarizadas. Por meio do aproveitamento dos demais produtos florestais não-madeireiros, como murumuru, pataúá e açaí, a empresa tem conseguido transformar a realidade local e expandir o mercado para bens menos intensivos. Resultados motivadores como a queda da extração do palmito de 24,5% para 10,3%, são frutos concretos do investimento realizado. Essa diminuição da extração do palmito, por exemplo, significa que, para cada 1 real empregado no extrativismo sustentável, houve uma queda de 2 reais na retirada de palmito. Além disso, a complementaridade entre diversos tipo de investimento, questão importante para o salto definitivo de desenvolvimento, torna-se evidenciada no município, como melhores perspectivas para o futuro, principalmente em relação à educação dos filhos dos associados, e a promoção para a diminuição da desigualdade entre gêneros, através da inserção da mulher nas atividades extrativistas, indicando maior empoderamento feminino (Beraca/USP, 2016).

Invariavelmente, ao longo do tempo, o município tende a se tornar mais atrativo para investimentos externos, por conta da oferta de matéria-prima e pelo trabalho extrativista sustentável, cada dia mais valorizado por indústrias não só de cosméticos, mas também as que utilizam matéria-prima da biodiversidade brasileira em nível global.

#### **D. Os impactos econômicos, sociais e ambientais promovidos pelo Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® no município de Anajás**

As atividades incentivadas pela Beraca junto às famílias associadas vem produzindo resultados favoráveis e impactos positivos de curto e longo prazos no município. Entre os efeitos de longo prazo, que se referem a aspectos estruturais da região de Anajás, há alguns que valem ser considerados. Um deles é a pressão que a Beraca exerce no sistema quase escravagista de dependência das famílias do palmito, uma atividade ambientalmente degradante e socialmente aviltante. Como as principais atividades econômicas da região são a extração de madeira, de palmito e de açaí, aquelas famílias que vivem mais distantes, em furos e igarapés, praticamente não conseguem monetizar a relação de compra e venda dos recursos naturais. Essa condição de vulnerabilidade incentiva a exploração da mão-de-obra por atravessadores, que, pode-se dizer, trocam o palmito, a madeira e o açaí por comida ou pagam valores desonrosos pela coleta das famílias ribeirinhas. Por meio do incentivo ao associativismo e à ação coletiva que é fundamento do *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade®*, além de reduzir a dependência de atravessadores e influenciar a formalização das relações comerciais, possui repercussão clara na curva de aprendizado de cada membro da associação.

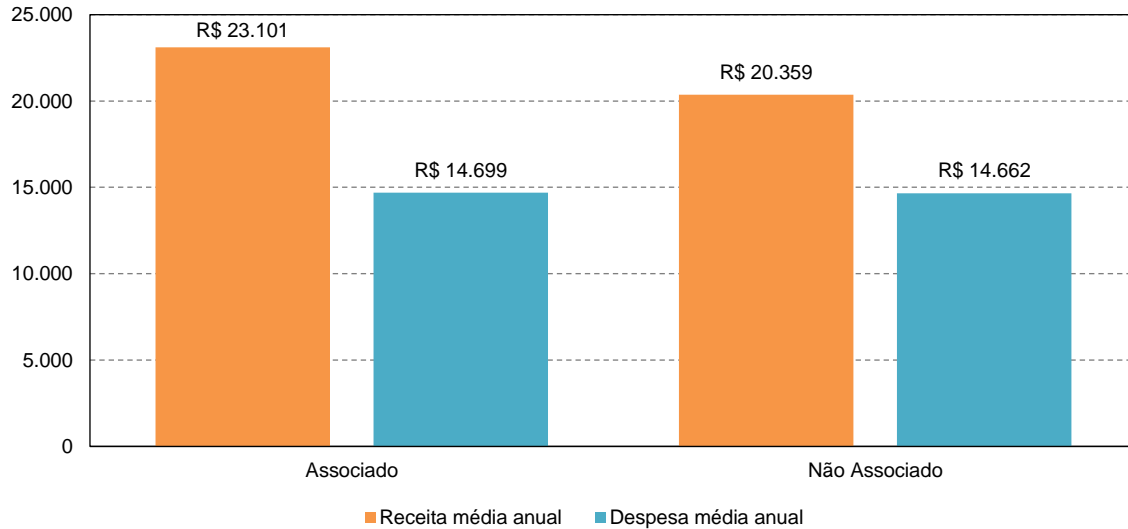
Abaixo, maior detalhamento dos impactos aferidos na região, divididos por temas considerados relevantes para o desenvolvimento sustentável local.

#### **O fator renda**

Um dos principais destaques é a renda familiar encontrada para o grupo de coletores associados, quase 12% maior que a do grupo de controle, ou dos não associados, demonstrado no Gráfico 1 abaixo.



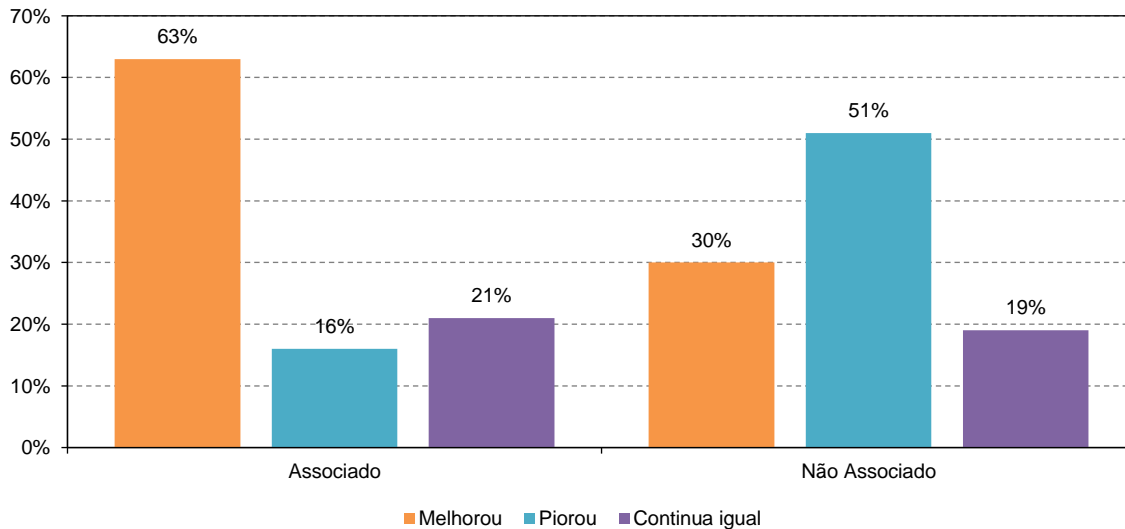
**Gráfico 1**  
**Renda X Despesas Médias Anuais - Associado vs. Não Associado**



Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

Outra forma de mensurar o resultado do ganho de renda, conforme apresentado ainda no Gráfico 1, é o menor comprometimento da participação de renda agregada dos associados com manutenção da família em relação aos não associados. Em tese, o excedente da renda não consumida pela família poderia ser empregada em capital produtivo ou melhorias nas condições de bem-estar das famílias, como por exemplo reformas da casa e atividades de lazer. Enquanto o grupo de associados tem 64% da receita comprometida com a manutenção da família, no grupo de não coletores esse valor chega a 72% (Beraca/USP, 2016).

**Gráfico 2**  
**Percepção de melhoria de renda - Associado vs. Não Associado**



Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

No que se refere à melhoria de renda pelas famílias, é notável como os associados têm uma percepção muito mais positiva em relação aos não associados, sendo que 63% dos respondentes associados apontam uma melhoria em seus padrões de renda, contra 30% dos não associados, conforme representado no Gráfico 2. Outro dado marcante é que 51% dos respondentes não associados afirmaram que a renda piorou. Dentre os associados, somente 16% afirmam o mesmo. Geralmente, a piora da renda é associada à renda do palmito e da madeira, atividades que são mais comuns entre não associados e, há algum tempo, que estão em declínio (Beraca/USP, 2016).

Por fim, o aumento de renda promove o empoderamento das famílias em relação às decisões acerca da escolaridade dos filhos. Mais renda significa mais viagens a centros urbanos e maior oportunidade de estudo e trabalho. Os associados responderam de maneira mais afirmativa à questão de perspectivas ao futuro, e as respostas sugerem que talvez esse seja o impacto mais importante da elevação da renda familiar das famílias associadas ao programa da Beraca (Beraca/USP, 2016).

## **1. Impactos ambientais**

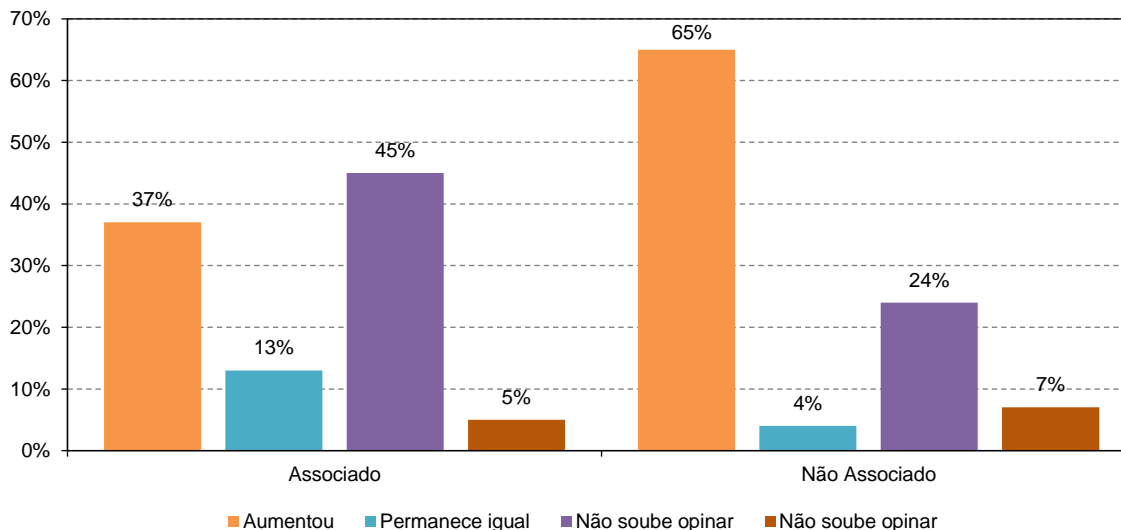
De acordo com estudo sobre valoração de serviços ecossistêmicos da Beraca realizado em parceria com a FGV, a área de desmatamento evitado por conta da atividade de extrativismo sustentável promovida pela atuação da Beraca com os extrativistas em Anajás, em 2017, foi de 123,3 ha. A área representa 515,78 tCO<sub>2</sub>e de emissão evitada, sendo a valoração da externalidade de R\$ 167.501,29. (FGV/EAESP, 2019)

Em relação à preservação de recursos naturais, um dos principais destaques é o efeito substituição do murumuru, do patauí e do açaí sobre a extração de palmito, que conforme já mencionado anteriormente, caiu de 24,5 para 10,3% entre não associados e associados. Isso significa que para cada 1 real empregado no extrativismo sustentável, houve uma queda de 2 reais na retirada de palmito. (Beraca/USP, 2016).

O levantamento sobre a compreensão das comunidades em relação às questões ambientais na região de Anajás também trouxeram indicativos interessantes.

O Gráfico 3 apresenta os resultados em relação ao ritmo de degradação do meio ambiente, de acordo com a opinião dos comunitários. Não é possível saber se a percepção refere-se a como eles utilizam os recursos naturais ou se é uma avaliação mais geral sobre a situação dos ecossistemas em que estão inseridos. De todo modo, os dados sugerem que os associados, ao menos, discutem e interagem com a equipe de capacitação da Beraca. O resultado é uma percepção dos associados de redução de 45% da degradação ambiental. Os coletores não associados que, eventualmente, vendem para a empresa, mas não passaram ainda por treinamento e capacitação, apresentam uma compreensão mais negativa, já que 2/3 consideram que houve degradação ambiental. Já a percepção de que o ritmo da degradação aumentou é muito maior entre não associados (65%) do que entre associados (37%) (Beraca/USP, 2016).

**Gráfico 3**  
**Percepção do ritmo de degradação ambiental - Associado vs. Não Associado**



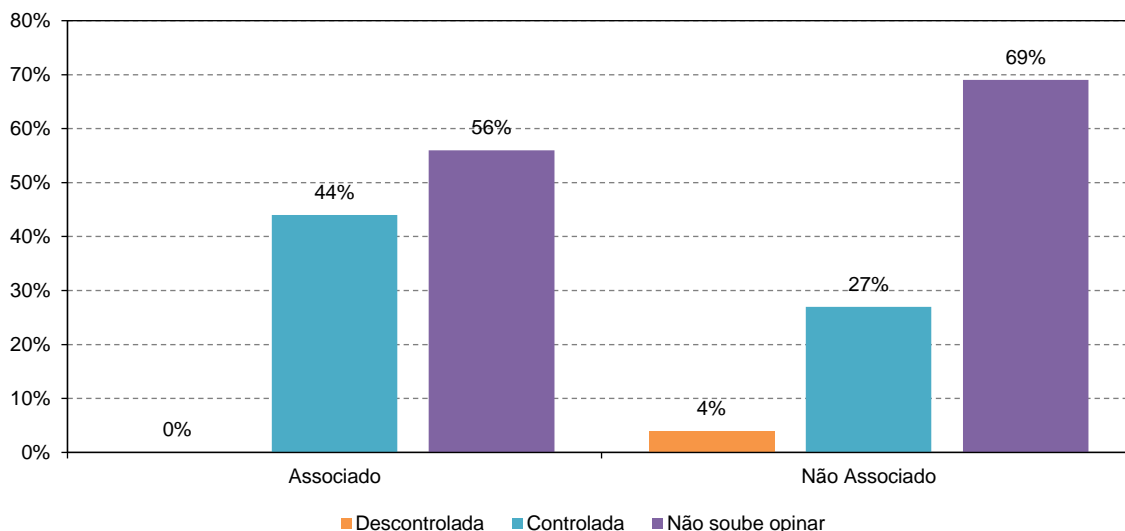
Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

A diferença entre associados e não associados ocorre justamente pelos primeiros estarem envolvidos com as atividades da associação que, por meio de seu arranjo institucional, consegue disseminar a ideia do uso mais sustentável dos recursos naturais. Sabe-se que a região ainda sofre com a retirada ilegal de madeira e com a cultura do palmito, atividades que contribuem para a progressiva degradação do ecossistema florestal (Beraca/USP, 2016).

Sobre a coleta de insumos para a comercialização, verifica-se no Gráfico 4 abaixo, que entre associados, a percepção de que a coleta ocorre de forma controlada é maior do que entre os não associados. Enquanto que o percentual de respondentes que não souberam opinar é alto – tanto entre associados como entre não associados –, pode-se notar que os associados, ao seguirem padrões orgânicos no processo da coleta, acabam por relacionarem padrões orgânicos à coleta controlada. E isto pode ser capturado pela parte qualitativa das respostas via depoimentos pessoais. Interessante notar que por meio dos relatos, algumas questões não capturadas pela etapa quantitativa emergiram. Os associados tendem a relacionar o aumento da coleta do açaí com a redução da retirada de madeira e do palmito, ou seja, o incentivo via associação gera uma ação coletiva que beneficia o ecossistema local.

O manejo florestal sustentável promove portanto, entre associados, uma consciência maior por meio da coleta do açaí, que se apresenta como uma atividade sustentável dos pontos de vista ambiental e econômico ao promover aumento no bem-estar das famílias e manter a floresta em pé. Além disso, a devastação da floresta é, por vezes, associada a um aumento da temperatura na região – o que os locais chamam de “quentura”. Os não associados ainda estão muito mais ligados à retirada da madeira e do palmito e, por vezes, associam a expansão do açaizal como fator limitador à retirada de madeira e palmito (Beraca/USP, 2016).

**Gráfico 4**  
**Percepção da coleta de insumos para comercialização - Associado vs. Não Associado**

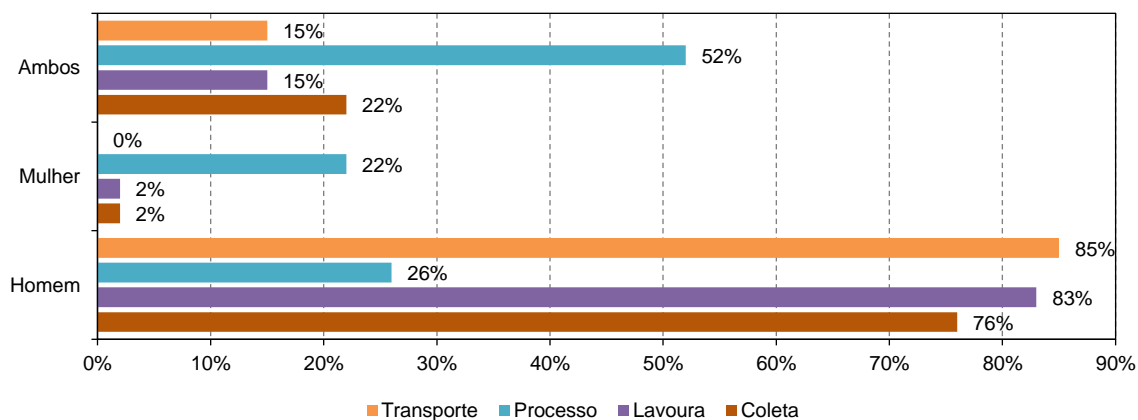


Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

## 2. Igualdade de gênero

No caso das famílias associadas à coleta, e que recebem incentivos monetários com a entrega de sementes, as mulheres participam do processo de produção, do armazenamento, da lavagem e das condições de estocagem, que obedecem aos padrões de produção orgânica. Conforme Gráfico 5, cerca de 22% delas relataram cuidar do processo produtivo, enquanto 26% dos homens responderam da mesma forma. Como 52% do total de entrevistados disseram realizar essas atividades em conjunto, pode-se dizer que a ação coletiva promove a igualdade de gênero com o empoderamento das mulheres fora do âmbito doméstico – em que se dá, principalmente, o cuidado dos filhos, da alimentação e da limpeza da casa. De todas as atividades, trata-se da única em que existe, verdadeiramente, uma cooperação entre homem e mulher (Beraca/USP, 2016).

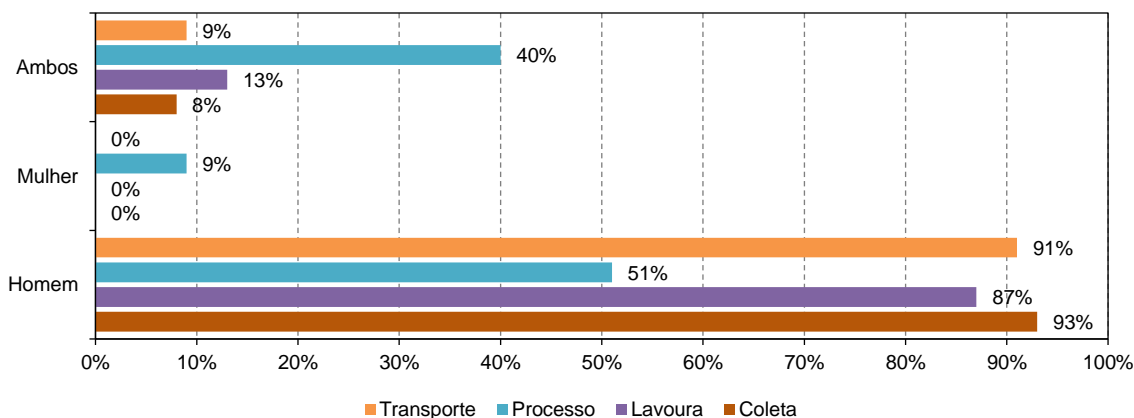
**Gráfico 5**  
**Distribuição de atividades na coleta por gênero - Associados**



Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

No caso das famílias não associadas, o quadro é bem diferente. As mulheres não coletam sementes e praticamente não há cooperação homem-mulher no processo de produção e entrega.

**Gráfico 6**  
**Distribuição de atividades na coleta por gênero - Não Associados**



Fonte: Beraca; Universidade de São Paulo (2016), II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará), São Paulo, Brasil.

Segundo Gráfico 6., apenas 9% delas relatam participar com o cônjuge desta atividade, ao passo que 51% dos homens dizem se responsabilizar por ela; e 40% responderam que o casal cuida do processo de produção. De um total de 46 entrevistados, apenas quatro famílias disseram que todos ajudam no trabalho doméstico, no cuidado dos filhos e nas atividades produtivas (Beraca/USP, 2016).

É possível dizer, portanto, que o empoderamento feminino, no caso das famílias de associados, é uma externalidade positiva importante da ação coletiva incentivada pela Beraca (Beraca/USP, 2016).

## **E. Análise do Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® à luz do Big Push para a Sustentabilidade e da Agenda 2030**

O conceito de *Big Push* para a Sustentabilidade, definido pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) das Nações Unidas é o seguinte:

“O Big Push Ambiental representa uma articulação e coordenação de políticas (públicas e privadas, nacionais e subnacionais, setoriais, tributárias, regulatórias, fiscais, de financiamento, de planejamento etc.) que alavanquem investimentos nacionais e estrangeiros para produzir um ciclo virtuoso de crescimento econômico, gerador de emprego e renda, redutor de desigualdades e brechas estruturais e promotor de sustentabilidade (CEPAL/FES, 2019).”

O Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® tem como premissa básica, o gerenciamento sustentável de cadeias da sociobiodiversidade brasileira. Nesse sentido, o trabalho articulado e coordenado entre diversos atores parte da cadeia de valor está implícito e é primordial para garantir o sucesso do Programa. O pioneirismo no trabalho de cadeias sustentáveis através do PVSB, fez com que a organização se tornasse propulsora no fomento de investimentos geradores de um ciclo virtuoso com base no

desenvolvimento sustentável, principalmente na ponta da cadeia mais vulnerável, onde se encontram as comunidades extrativistas.

Em referência ao ciclo virtuoso mencionado, é possível fazer um paralelo com os três tipos de eficiência conceituadas no estudo *Big Push* para Sustentabilidade.

O trabalho do PVSB vêm ao encontro da primeira eficiência, chamada de eficiência schumpeteriana, no sentido de que seu modelo contempla justamente a capacitação e transferência de tecnologia aos produtores cooperados, valorizando conjuntamente o conhecimento e as tecnologias sociais locais, que representam o conhecimento tradicional. Essa primeira eficiência, tem como base desenvolver novas capacidades tecnológicas através da inovação, estabelecida por sua vez pelo conhecimento e aprendizado (CEPAL/FES, 2019).

Seguindo o conceito da segunda eficiência, a keynesiana, que destaca a pertinência do foco em mercados em expansão, para impulsionar escala e escopo que aceleram a economia e multiplicam empregos (CEPAL/FES, 2019), podemos afirmar que o setor de cosméticos, principalmente seguindo a linha mais natural, orgânica e vegana, é um mercado em expansão em nível global. Os clientes e consumidores se preocupam cada dia mais com a ética e a sustentabilidade do processo, sobretudo em relação a rastreabilidade da cadeia, incluindo a extração da matéria-prima. Nesse sentido, a Beraca, através do PVSB, se encaixa perfeitamente nessa tendência, uma vez que possui em seu cerne justamente a questão da rastreabilidade ao longo da cadeia, explorando a matéria-prima de maneira sustentável e incentivando a produção orgânica certificada dos produtores parceiros em arranjos associativistas, garantindo dessa forma, a venda em quantidade suficiente para indústria e preço justo, beneficiando assim, os pequenos agricultores e coletores.

Por fim, a eficiência ambiental, fala sobre a desassociação do crescimento econômico com as emissões de efeito estufa e favorece a proteção ambiental (CEPAL/FES, 2019). Em referência a esse conceito, o Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® promove o desenvolvimento local através da melhoria de renda, ao mesmo tempo que tem como preceito, a conservação dos recursos florestais através da própria atividade extrativista. Somando-se a isso, há o incentivo e apoio ativo no processo da produção de orgânicos certificados, que representa a proteção do solo e a água ao evitar o uso de pesticidas e da prática de queimadas, por exemplo.

No tocante à sinergia entre Agenda 2030 e os 17 ODS (ONU, 2015) e o Programa de Valorização da Sociobiodiversidade®, alguns exemplos desse alinhamento estão mencionados abaixo.

Contribuindo com o objetivo 1, “Erradicação da Pobreza”, o Programa tem como uma de suas principais diretrizes zelar pelo elo mais frágil da cadeia de produtos da sociobiodiversidade, seu público de interesse é formado por aqueles que são reconhecidos como socialmente vulneráveis e o objetivo é promover a organização social nas cadeias produtivas parceiras, para que, dessa forma, sejam incluídos no mercado e tenham oportunidade de geração de renda pela comercialização de produtos agroextrativistas. Outra grande contribuição do Programa de Valorização da Sociobiodiversidade® é a aplicação de diretrizes claras em nome do comércio justo entre a Beraca e todos os integrantes da sua cadeia produtiva, especialmente com as comunidades extrativistas. Dos contratos firmados entre Beraca e comunidade para as trocas comerciais, às propostas do Instituto Beraca\*; todos os projetos têm uma clara perspectiva de desenvolvimento social justo, ético e adequado a todos, colaborando desta forma com o objetivo 16, “Paz, Justiça e Instituições Eficazes” (Beraca, 2018).

Para além dos exemplos citados, em 2016, um dos fundadores da Beraca, Ulisses Sabará, foi reconhecido pela ONU como um dos 10 Local SDG Pioneers graças aos esforços em criar e liderar o Programa de Valorização da Sociobiodiversidade®. Ao longo de um ano inteiro, Ulisses manteve a honraria em nome da disseminação de práticas alinhadas às ODSs e sua divulgação entre os stakeholders da Beraca (Beraca, 2018).

**\*Instituto Beraca** - O Instituto Beraca de Valorização da Biodiversidade (IB) pode ser considerado produto de uma evolução do modelo de trabalho da Beraca, capaz de endereçar questões que estão fora do campo da iniciativa privada. Surgiu em 2016, dentro da operação da Beraca, com o objetivo de operacionalizar o trabalho de transformação social conjuntamente com comunidades vulneráveis e, através

do acesso a mercados diferenciados, ativar economias locais sustentáveis que garantam a preservação e restauração do meio ambiente, a continuidade da diversidade cultural e o resgate da dignidade humana impactada pela pobreza (Instituto Beraca, 2019).

O IB foca nas seguintes áreas de atuação: acesso e repartição de benefícios, advocacy, criação e execução de projetos estratégicos customizados, criação e implementação de projetos de responsabilidade social, desenvolvimento de cadeias produtivas baseadas no extrativismo sustentável e geração de conhecimento para sociedade (Beraca, 2018).

## F. Considerações finais

O estudo exploratório dos impactos socioambientais no município de Anajás, proporcionados pelo *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*® apresenta lições aprendidas relevantes, sobretudo à luz da abordagem do *Big Push* para a Sustentabilidade. O próprio pensamento cepalino defende a visão de que um desenvolvimento econômico sustentável depende criticamente de um meio ambiente saudável e de uma sociedade construída sobre a base da igualdade (CEPAL/FES, 2019). O que o estudo de Anajás aponta é justamente a importância do fator renda, que impulsiona desdobramentos estruturais positivos para o meio ambiente e para a comunidade. Foi demonstrado também que a principal chave para um salto de desenvolvimento o mais efetivo possível, estão atrelados a arranjos produtivos, por meio da criação e formalização de associações e cooperativas, demonstrando a relevância e a potência da ação coletiva, principalmente no elo mais vulnerável da cadeia produtiva.

De acordo com a referência teórica do *Big Push* (CEPAL/FES, 2019), uma das grandes oportunidades que o *Big Push* poderia proporcionar, sobretudo para o Brasil, é a utilização de “estímulos verdes”, que ajudem a economia a retomar sua robustez, fomentando um novo estilo de desenvolvimento no país, diminuindo sua vulnerabilidade externa e elevando a taxa de investimento. Por outro lado, existe um fator chamado “*carbon lock-in*”, considerado como a dependência estrutural nos combustíveis fósseis dos países industrializados e potencializada pelo alto custo de mudança para tecnologias alternativas e limpas, representando um desafio à transição para uma nova economia. Dentro dessa perspectiva, o *Programa de Valorização da Sociobiodiversidade*® representa um modelo que contribui com o *Big Push*, no sentido que suas premissas proporcionam simultaneamente, o desenvolvimento econômico local e a conservação de recursos florestais (floresta em pé), através do efeito substituição do extrativismo em bases sustentáveis, além da redução de CO<sub>2</sub>, por meio do incentivo à produção orgânica.

## Referências bibliográficas

- O Atlas (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil) (2010), “Ranking - Todo o Brasil (2010)” [online] <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking> [acesso em: 05 de agosto de 2019].
- Beraca (2018), “Relatório de Sustentabilidade 2016/2017/2018”, [online] <https://www.beraca.com/sustentabilidade.php> [acesso em: 05 de agosto de 2019].
- Beraca; Universidade de São Paulo (2016), *II Relatório de Avaliação de Impacto em Cadeias da Sociobiodiversidade. Os casos de Igarapé-Miri, Tomé-Açu e Anajás (Pará)*, São Paulo, Brasil.
- \_\_\_\_\_(2014), *I Relatório de Mensuração de Impacto - Um novo olhar para o desenvolvimento sustentável da sociobiodiversidade brasileira*, São Paulo, Brasil.
- CEPAL/FES (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe)/(Fundação Friedrich Ebert Stiftung) (2019), “Big Push Ambiental: Investimentos coordenados para um estilo de desenvolvimento sustentável”, *Perspectivas*, N.20, (LC/BRS/TS.2019/1 e LC/TS.2019/14), São Paulo.
- Fundação Getúlio Vargas - FGV EAESP (Centro de Estudos em Sustentabilidade) (2019), *Beraca: Valoração de serviços ecossistêmicos em fornecedores de Anajás-PA e Bragança-PA em relação ao desmatamento evitado*, São Paulo, Brasil.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2017), “Brasil em síntese” [online] <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/anajas/panorama> [acesso em: 05 de agosto de 2019].
- Instituto Beraca (2019), “Quem Somos”, [online] São Paulo, Brasil, <https://institutoberaca.org/> [acesso em: 12 de agosto de 2019].
- ONU (Organização das Nações Unidas) (2015), *Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (A/ RES/70/1)*, Nova Iorque, Publicação das Nações Unidas.